



Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Brasil

Aldé, Alessandra; Escobar, Juliana; Chagas, Viktor
A febre dos blogs de política
Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, núm. 33, agosto, 2007, pp. 29-40
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495550189004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A febre dos blogs de política

RESUMO

Durante a crise política de 2005, os blogs de política, principalmente os mantidos por jornalistas conhecidos na mídia, tornaram-se um novo campo de informação e debate. Neste artigo, nossa intenção é apresentar os dados preliminares de extensa pesquisa sobre os blogs de política, baseada na observação sistemática, ao longo dos anos de 2005 e 2006, dos principais exemplos brasileiros. O foco, aqui, será a natureza do debate público que envolve autores e leitores, procurando analisar sua dinâmica e relacioná-la com as expectativas teóricas que vêem na internet um ambiente comunicativo capaz de incentivar a pluralidade política e a deliberação discursiva.

PALAVRAS-CHAVE

- política e internet
- mídia e democracia
- esfera pública virtual

ABSTRACT

During the political crisis of 2005, the political weblogs, mainly the ones kept by journalists well-known in the media, became a new field of information and debate. In this article, our intention is to present the preliminary results of an extensive research on political blogs, based on systematic observation, during 2005/2006, of some important Brazilian examples. Our focus, here, will be the nature of the public debate that involves writers and readers, trying to analyze its dynamics and to relate it with the theoretical expectations which see the internet as a connected environment, enabling political plurality and discursive deliberation.

KEY WORDS

- politics and internet
- media and democracy
- virtual public sphere

**Alessandra Aldé, Juliana Escobar,
Viktor Chagas**

UERJ

Weblogs são publicações cotidianas surgidas na internet no fim dos anos 90, e que rapidamente tornaram-se fenômenos de popularidade. Individuais ou coletivos, temáticos ou livres, estes diários públicos comportam vários subgêneros, entre os quais nos interessam particularmente os blogs de opinião política e os blogs jornalísticos, bem como a combinação entre os dois. Associados à pluralização da emissão de conteúdos, à auto-expressão e à interação e cooperação entre autores e leitores, os blogs poderiam apontar para uma experiência de comunicação horizontal, em que fosse possível estabelecer formas de debate público plural e democrático.

Mais do que as peculiaridades técnicas do formato weblog, o que nos incentivou a pesquisar o assunto foi o potencial dialógico deste formato de interlocução, já apontado por outros pesquisadores. Poderíamos estar diante de uma esfera discursiva que – embora restrita, dada a forte barreira econômica e cultural no acesso à tecnologia – propiciasse a intervenção imediata de qualquer espectador, o intercâmbio entre os papéis de emissão e recepção, a participação direta do cidadão comum na elaboração discursiva da opinião pública. Para alguns autores, a tecnologia de comunicação em rede tem como característica intrínseca, justamente, a pluralização das emissões, com conseqüências benéficas intrínsecas para a democracia. Para outros, no entanto, o foco é sobre as possibilidades de uso: não necessariamente o potencial de uma tecnologia será apropriado pelos usuários da maneira prevista pelos seus criadores e divulgadores. O fato de ser possível o diálogo não significa que ele necessariamente ocorrerá.¹

A crise política que atravessou e marcou o ano de 2005 foi ambiente fértil para a proliferação e visibilidade desta forma de comunicação política que, pelo menos no caso brasileiro, foi suficientemente relevante para chamar a atenção e interagir com os outros meios e com os formadores de opinião – cidadãos ávidos, sempre dispostos a buscar novas informações e opiniões e, porque não, poder expressar seus próprios sentimentos e impressões sobre o mundo público da política.² Os blogs de política, especialmente os de jornalistas já conhecidos, tornaram-se lugar de discussões e tomada de posição pública. Trata-se de uma apropriação bastante original do formato, associado comumente a um diário, espaço íntimo e pessoal, seja nas suas versões mais sérias, quanto nos relatos das idiossincrasias e cotidianidades adolescentes (Schittine, 2004).

Embora crises e escândalos políticos não sejam novidade na história política recente do Brasil, a de

2005 foi a primeira a contar com a presença de blogs como veículos de cobertura jornalística. Os blogs de política canalizaram um certo público participativo, permitindo o debate em vários fóruns de conversação, amplos e restritos, e realizando-o maciçamente nos espaços mantidos por jornalistas já reconhecidos por sua atuação na imprensa tradicional. Neste sentido, a auto-concepção corrente dos jornalistas como filtros, selecionadores e organizadores de conteúdo, oferece um paradoxo à idéia dos weblogs vistos como espaços de comunicação horizontal, com emissores nivelados pelo acesso e domínio da tecnologia – “auto-referentes e auto-regulados, dotados de mecanismos que promovem variadas formas de interação” (Barbosa e Silva, 2003). Por um lado, qualquer emissor pode publicar conteúdos informativos, cumprindo papel análogo ao jornal no sentido de noticiar e atualizar conteúdos. Por outro lado, um blogueiro sem o reconhecimento profissional dos pares pode ser visto como não autorizado a realizar a mediação interpretativa entre mundo externo e leitor. Neste sentido, é interessante notar a distinção em que insiste a categoria, entre o blog “jornalístico” e o de opinião, ou amador.

Guerras, eleições e escândalos, ao inundar a crônica cotidiana, despertam a atenção também de cidadãos menos interessados, deixando de ser assunto apenas entre os mais ativos.

Os próprios leitores contribuem para colocar o jornalista-blogueiro neste papel de autoridade cognitiva, por dentro dos acontecimentos, capaz de desvendar, o complexo e obscuro mundo da política, os bastidores do poder – não por acaso, nome de um dos blogs do UOL. O diálogo, embora seja aberto a uma pluralidade de emissores, é conduzido e organizado por um autor, visto como apto a iniciar com pautas o debate e mediá-lo, estabelecendo suas regras, mesmo que estas possam ser questionadas. Isso explica, em certa medida, o sucesso dos blogs ligados a grupos de comunicação estabelecidos, em termos de número de leitores. A própria auto-referencialidade de um grande portal como o UOL ou IG, e dos jornais que mantêm versões online, com chamadas na página de abertura, remete os muitos assinantes aos blogs que hospedam, legitimando sua posição profissional e avalizando-os como “jornalísticos”.

Em trabalho anterior, levantamos algumas das questões teóricas postas pelos blogs de política à autoridade e identidade dos jornalistas: ao mesmo tempo em que orientam os leitores na busca de conteúdos, construindo percursos cognitivos, abrem um espaço de interação em que a opinião é elaborada à vista e com a participação dos leitores (Aldé e Chagas, 2005). O desenvolvimento empírico da pesquisa então iniciada, cujos primeiros resultados apresentamos aqui, vem enriquecer e modificar as expectativas iniciais, a partir da observação sistemática de uma seleção de doze blogs de política, representando três tipos exemplares categorias que, a nosso ver, possuem características diferentes, capazes de influir na dinâmica de um blog dedicado à opinião e comentário político: aqueles vinculados à grande imprensa tradicional, os abrigados em um grande portal e os independentes – anônimos ou assinados, de jornalistas ou autores sem o mesmo reconhecimento profissional e social.³

O blog de Ricardo Noblat, inicialmente no portal IG e, desde novembro de 2005, no portal do *Estado de São Paulo*, tornou-se objeto central em nossa pesquisa dada sua visibilidade, ritmo de atualização e relevância política. A pesquisa incluiu também os blogs dos colunistas de política do jornal carioca *O Globo* – Jorge Bastos Moreno, Tereza Cruvinel, Helena Chagas e Ilmar Franco –, os do UOL, de Josias de Souza (*Nos Bastidores do Poder*) e Fernando Rodrigues, e os independentes *O Biscoito Fino* e *a Massa*, de Idelber Avelar, *Por um punhado de pixels*, de Nemo Nox, *Direita*, de Giovanni McDonald, o blog de Alexandre Soares Silva e o *Política, poesia e putaria (Cavalo Verde)*, de Erik M Virgulino de Souza, Leo Pinto, Augusto César e Emanuel Grilo. Para chegar a estes doze exemplos, mapeamos antes a blogosfera,⁴ procurando distinguir os diferentes tipos de blog político que se ofereciam ao internauta existentes. Naquele primeiro momento da pesquisa, procuramos ingressar na cultura específica dos blogs, seguindo as referências cruzadas a outros blogs, que serão eventualmente citados. No início de outubro, passamos a monitorar diariamente os doze blogs, escolhidos como os principais em atuação durante o dramático ano de 2005, procurando sistematizar sua dinâmica a partir da observação cotidiana das postagens e comentários.

Nosso objetivo específico, neste artigo, é refletir sobre o funcionamento de uma coletividade discursiva que se reúne em torno de uma figura autoral, mas que está disposta a atuar em pé de igualdade com seu moderador no debate ideológico. Quais os aspectos politicamente significativos desta modalidade de conversação civil?⁵ este fórum de poucas regras, com um mediador mais ou menos dado à interação, em que medida cumpre com os requisitos de esfera pública discursiva, seja no sentido habermasiano, seja na concepção pluralista de possibilidade e acesso ao debate por parte dos múltiplos

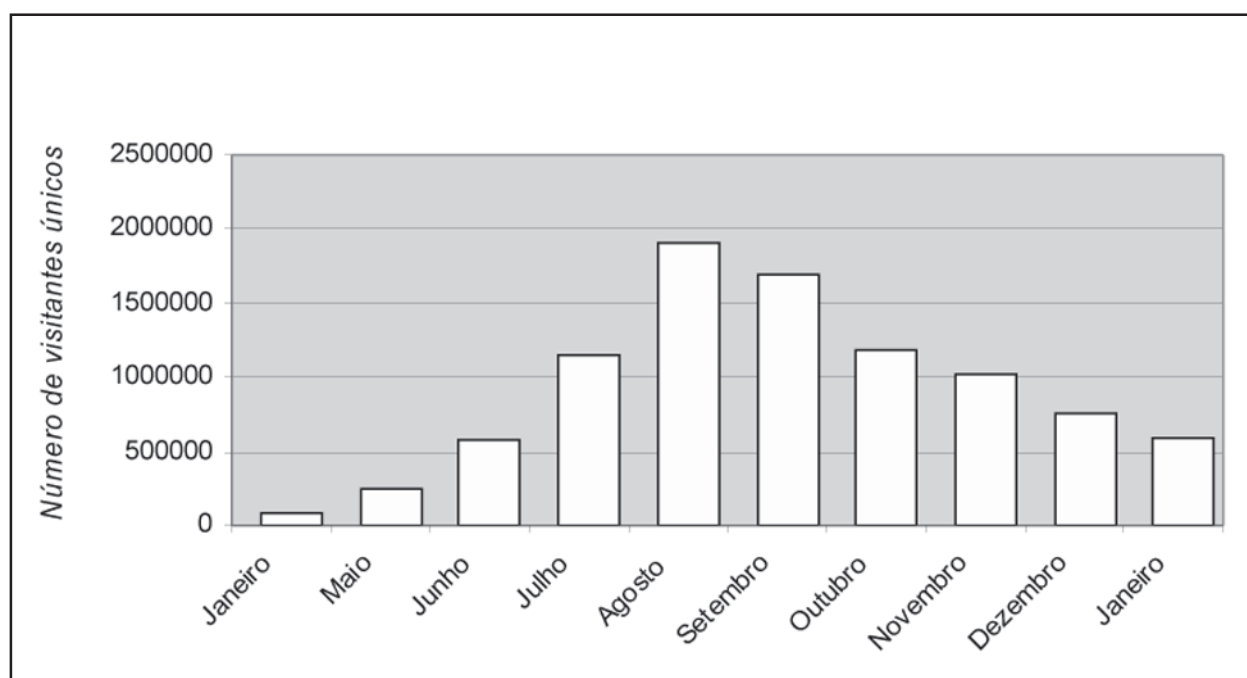


FIGURA 1 – FREQUÊNCIA DO “BLOG DO NOBLAT”

Dados fornecidos por Ricardo Noblat; para junho e janeiro, dados estimados. Em 1º de novembro o blog saiu do IG para o portal do Estadão, enfrentando problemas técnicos durante cerca de 10 dias, quando saiu do ar várias vezes.

atores políticos?

Acreditamos que o chamado escândalo do mensa-lão teve um papel determinante na trajetória dos blogs de política que analisamos, inseridos formal ou informalmente no sub-gênero informativo. A oca-sião da crise fez com que o interesse em política por parte de indivíduos e grupos de mídia aumentasse, criando uma demanda que encontrou a tecnologia já suficientemente enraizada, colaborando para ampliar o universo de cidadãos envolvidos na produção e busca de informação política.

A crise das febres e dos blogs

O caráter jornalístico dos blogs que estudamos – sejam seus autores profissionais reconhecidos ou não – condiciona sua dinâmica, uma vez que respondem ao imperativo temporal da notícia: a novidade. A atualização constante, a nota no calor dos aconteci-mentos é parte importante da atração gerada pelos blogs em grande número de leitores ávidos por in-formação política – categoria que coincide com a de cidadãos de atitude forte e positiva em relação à política. Isso pode explicar em parte a progressão de audiência detectada nos blogs durante este ano. Em-bora o jornalismo online e as estratégias comunicati-vas de campanha e governo já tivessem explorado, no Brasil, as possibilidades da internet, a explosão dos blogs constituiu um fenômeno novo.⁶

Essa noção de atualidade está intimamente ligada ao gênero jornalístico (mesmo etimologicamente, in-terpretado como periódico diário, de relacionado à periodicidade), e torna-se central no jornalismo on-line com o acompanhamento minuto-a-minuto. O

blog, ainda que em tese não tenha a obrigação de manter uma frequência de atualizações durante a semana ou mesmo o dia, espelha a condição jorna-lística de debater, de discutir o novo, entendido como um cotidiano efêmero. Assim, constitui-se em um híbrido entre a atualidade jornalística e a crônica pessoal.

Episódios excepcionais como guerras, eleições e escândalos, ao inundar a crônica cotidiana, desper-tam a atenção também de cidadãos menos interessa-dos, deixando de ser assunto apenas entre os mais ativos.

Jornalistas e colunistas dos principais veículos postam comentários nos blogs uns dos outros.

Os escândalos políticos ganham grande relevân-cia nos meios de comunicação de massa, que por sua vez tornam-se agentes envolvidos no processo de revelação e desenvolvimento dos fatos, ao lado de outras instituições políticas, policiais e jurídicas (Thompson, 2002). A mídia é um sistema complexo, composto por diferentes veículos de comunicação, que mantêm níveis diversos de relação entre si e mesmo de influência uns sobre os outros. Neste sen-tido, de maneira complementar a outras novidades como a transmissão direta dos interrogatórios das

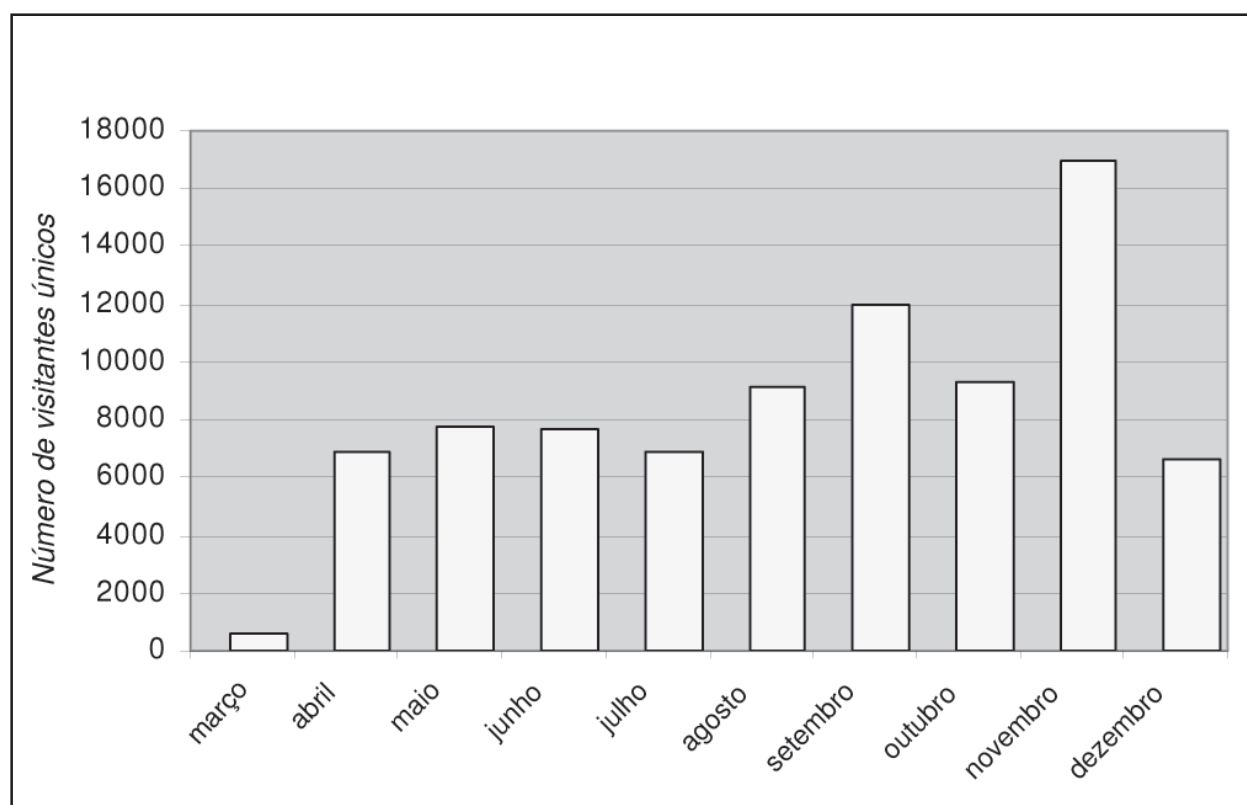


FIGURA 2 – FREQUÊNCIA DO BLOG “O BISCOITO FINO E A MASSA”

Dados fornecidos por Idelber Avelar; estimados para novembro, registrados até 13 de dezembro.

CPIs pelos canais da Câmara e do Senado, reproduzida também por canais pagos de notícias como a GloboNews, os blogs de política participaram ativamente da construção da trama de escândalos que mobilizou a opinião política em 2005.

A crise política tornou-se assunto de blogs de opinião mais gerais e deu origem a blogs que antes não existiam, além de multiplicar a frequência dos mais antigos. O de Ricardo Noblat, paradigmático da tendência, começou em março de 2004, quando ele mantinha uma coluna dominical no jornal *O Dia*. Três meses depois, Noblat deixou de escrever para o jornal impresso e, atendendo pedidos de leitores, manteve o blog, sempre hospedado no portal IG. Quando eclodiu a crise, em maio de 2005, Noblat não estava, portanto, vinculado a um veículo tradicional.⁷ Por outro lado, acumulava mais de 30 anos de experiência como jornalista, tendo passado a atuar em alguns dos principais veículos brasileiros. Este reconhecimento público colocou-o numa posição privilegiada no momento da crise: sua experiência passada reforçou seu papel de autoridade cognitiva e, não estando subordinado a grupos políticos ou empresários de mídia, pôde em vários momentos reivindicar a credibilidade que advém da independência.

Com a enorme repercussão do Blog do Noblat – sobretudo depois de ser citado pelo deputado Roberto Jefferson como fonte de informação em depoimento à CPI que investigava o chamado “mensa-

lão” –, a ferramenta rapidamente se expandiu entre outros jornalistas, assumindo características próprias de cada autor.

No Globo do dia 17 de junho, a coluna da Cora Rónai intitulava-se “O triunfo dos blogs”, e trazia comentários sobre a fala de Jefferson na CPI. “O que realmente mexeu comigo foi a rapidíssima referência que ele fez ao blog do Noblat [...]. Uma referência comum, normal, como a referência a qualquer outra forma de comunicação bem conhecida, como rádio, jornal ou televisão”, escreveu a autora, colocando-se como blogueira.

O blog é um espaço de discussão acalorada da pauta jornalística e expressão de subjetividades e idiossincrasias.

“Há um ou dois anos era quase impossível encontrar esta palavra, blog, sem um parêntese ao lado, explicando que, apesar da fama de diários de adolescentes, blogs também são usados por não-adolescentes para fins eventualmente sérios”. Hoje, por outro lado, “nos blogs mais populares, as áreas de comentário correspondem a verdadeiras mesas de botequim virtuais”.⁸

Outros exemplos ajudam a atestar a relevância política e incorporação, aos meios de comunicação, dos blogs de opinião. Jornalistas e columnistas dos principais veículos postam comentários nos blogs uns dos outros. Mesmo políticos participam, no mesmo tom: no blog do Moreno, além de várias referências ao blog do prefeito, ativo durante quase todo o ano de 2005, pudemos encontrar um post enviado por César Maia “em pessoa” com uma piada crítica sobre o PT. Em oTambém foi emblemática a repercussão da declaração de Eduardo Suplicy, mudando seu voto no Conselho de Ética em respeito às opiniões de leitores lidas no blog do Noblat. Alguns dados dão medida da coincidência da evolução do escândalo político com a quantidade de acessos aos blogs de política (figura 1). Em julho, quando a crise política cresceu no noticiário, o blog do Noblat, que mantivera-se durante quase todo o ano de 2004 abaixo de 100 mil visitantes únicos, já tinha mais de um milhão, alcançando quase o segundo milhão no auge da crise, em agosto. Em junho, o blog do Noblat havia sido acessado por cerca metade dos que acessaram em julho. Em um único dia, 8 de outubro, ele chegou a receber 1022 comentários, com post sobre denúncia a irmão de Lula.

Alguns dados sobre visitantes únicos residenciais publicados por Fernando Rodrigues, do UOL, complementam a compreensão do universo dos frequentadores dos blogs de política. Em outubro, seu próprio blog teria tido 185,2 mil usuários únicos, chegando em novembro a 325,7 mil. Josias de Souza (UOL) passou de 113,4 mil em outubro, para 236,7 mil em novembro, um crescimento de 108,6%. Já os visitantes residenciais de Ricardo Noblat caíram de 89,4 mil em outubro, para 55 mil em novembro.

Notamos que o do Noblat, que apresenta em termos absolutos o maior número de visitantes únicos por mês, fica no entanto bem atrás dos blogueiros do portal UOL quando se trata de acessos domésticos. Isso significa um grande público de acesso não doméstico – a partir das redações, universidades e escritórios públicos e particulares conectados à internet. Os grandes portais de conteúdo, por sua vez, exercem o atrativo das chamadas de primeira página, divulgando seus blogs “oficiais” para todos os assinantes. Para Noblat, estar em um destes grandes portais tem impacto ainda maior do que a versão online de um jornal tradicional; o Estadão, para onde migrou em novembro, seria “um portal de baixa audiência se comparado com esses, baixíssima”. Um post de blog torna-se manchete, no UOL, IG ou Terra, com o mesmo destaque e formato de qualquer outra editoria jornalística do portal. Durante a sucessão de escândalos, muitas das chamadas de primeira página dos portais remetiam aos blogs de política. Ao público mais interessado, que tem o hábito de frequentar blogs e sites jornalísticos, a crise política adiciona outro tipo de leitor, mais próximo ao consumidor de escândalos: com acesso à

oportunidade de se informar pela internet, este cidadão dará prioridade ao assunto mais quente do momento, seja a fofoca sobre a atriz da novela, seja a declaração bombástica do deputado na CPI.

Esta possibilidade de interação discursiva horizontal deve ser compreendida a partir de sua apropriação pelos envolvidos na construção coletiva do debate político.

Os blogs independentes têm, geralmente, um círculo de frequentadores mais restrito, que toma conhecimento do blog por intermédio de outras pessoas, por links em outros sites e blogs. Trata-se de uma realidade bem diferente, tanto em termos de acesso, quanto na participação dos leitores através do espaço para comentários. No caso de Idelber Avelar (figura 2), quase um terço das visitas provêm de links presentes em outros sites. “Somente 5 ou 7% vêm do Google, e os outros 60, 65% vêm de *direct address* ou *bookmarks*, ou seja, pessoas que escrevem a URL do blog no browser, elas mesmas, ou já o têm incluído entre os favoritos. Quanto maior a porcentagem de leitores que vêm do Google, maior é o número de leitores que ‘batem e voltam’, ou seja, caem lá procurando algo que não acham e não voltam mais”.⁹

Os blogs independentes priorizam portanto, o caráter subjetivo e auto-regulado do gênero, dependendo basicamente de referências cruzadas e do boca-a-boca dos usuários para alcançar marcas de visitantes que, no entanto, são significativas no universo das publicações brasileiras sobre política.

Além da visibilidade da política no momento do escândalo, a atuação dos blogs durante a crise confirmou uma das características que já nos chamara a atenção: a polarização. Os blogs propiciam o posicionamento político, seja de acordo com as classificações tradicionais como direita/esquerda ou liberal/progressista, seja na constituição de grupos de simpatizantes, partidários ou pessoais. A tribuna livre dos comentários, nos blogs mais populares, conforma-se à dinâmica intrinsecamente política do antagonismo, afastando-se do paradigma jornalístico da objetividade. Trata-se de mais um ponto de tensão neste gênero híbrido de publicação. O blog é um espaço de discussão acalorada da pauta jornalística e expressão de subjetividades e idiossincrasias. A polêmica e discordância de opiniões são valorizadas; os jornalistas-blogueiros publicizam o fato de se exporem ali sem se preocupar com as preferências

as alheias, e até demandam que os leitores se expressem. Por outro lado, muitas vezes os excessos e destemperos na sessão de comentários motivam reclamações por parte dos autores e outros leitores, e mesmo a imposição de limites e censura.

Esta dinâmica de interação discursiva reserva particularidades para os diferentes tipos de participantes, em que jornalistas procuram adaptar sua autoconcepção profissional à lógica do novo formato; blogueiros disputam espaço como emissores alternativos de opinião política; e leitores pretendem participar da discussão pública sobre as personagens, episódios e temas trazidos pelos autores. Trata-se de uma construção discursiva polissêmica e multifacetada, que exploramos brevemente em seguida.

De jornalistas, blogueiros e comentadores

O portal *GloboOnline*, em sua página principal, anuncia: “converse com nossos colunistas e colaboradores”, propondo uma interação virtual horizontal, uma conversa de igual para igual com os leitores. Mas o blog, ferramenta subjetiva por excelência, ainda mantém o poder de moderação nas mãos de um titular (ou grupo de titulares). Ainda que o “foro” de comentários se apresente como um mundo à parte, com sua própria dinâmica de interação, são as notas do mantenedor da página que fazem circular as idéias – não é à toa que o olheiro as anuncia em duas palavras, “post novo”. Não sendo plenamente aberto às possibilidades de emissão, como experiências de portais à *Slashdot*,¹⁰ os blogs jornalísticos são uma espécie de entremeio, na fronteira entre a autoria individual e a cultura colaborativa (Noci, 2004), os leitores reunidos em torno do nome do titular.

A atitude mais constante do jornalista é de não tomar parte nos debates e polêmicas suscitados em seu blog, geralmente lançadas e alimentadas pelos internautas.

Esta possibilidade de interação discursiva horizontal deve ser compreendida a partir de sua apropriação pelos envolvidos na construção coletiva do debate político. O funcionamento de um weblog varia de acordo com seu titular. Em geral, obedece à voz autoral (do emissor primário, que propõe o texto em torno do qual os comentários (de emissores secundários) irão girar. Nesse sentido, o papel do jornalista nos blogs combina as funções de moderador¹¹ e pauteiro, mas não se iguala à posição privile-

giada do emissor nos meios de comunicação de massa.

Os jornalistas cumprem a função de organizadores autorizados da informação online. Como outros filtros, têm sua credibilidade originada fora da web, na medida em que os usuários muitas vezes procuram sites de instituições “confiáveis”, como os de universidades e da própria imprensa, por já conhecê-las e avaliá-las a partir de parâmetros estabelecidos externamente. Se, por um lado, é possível projetar uma diminuição do domínio dos produtores profissionais de notícias sobre o debate e agenda pública (Deuze, 2001 e outros), é preciso também atentar para esta nova demanda, a responsabilidade de encontrar conteúdo e orientar leitores, organizando a dispersão característica da web.

Os blogs concentram, no entanto, um universo especial de escritores, leitores e participantes, que disputa espaço na circulação da opinião política na web. São blogueiros que, embora não reconhecidos como jornalistas pela corporação, têm seus leitores, muitas vezes estabelecidos numa cultura comum de redes de blogs auto-referenciados. Não é coincidência que as pessoas mais ávidas de informação política sejam as mais assíduas frequentadoras dos comentários e polêmicas que alimentam estes cotidianos. A excepcionalidade do escândalo político brinda os blogs mais populares, além disso, com outro tipo de leitor, interessado especificamente no aspecto escandaloso e polêmico do blog.

As cobranças dos leitores e a audiência das páginas mais frequentemente atualizadas atestam a importância atribuída a este ritmo contínuo, e confirmam o perfil online dos leitores e comentadores de blogs de política. Muitos interlocutores do colunista Ilmar Franco, por exemplo, criticam seu hábito de atualizar o blog uma única vez ao mês e ameaçam deixar de acompanhá-lo. O mesmo ocorre com Tereza Cruvinel, que, já justificou sua posição, dizendo que a coluna é factual e o blog, analítico, o que lhe daria maior liberdade temporal para postar suas mensagens.

De maneira geral, a seção de comentários está sujeita às mesmas condições de atualidade. Os leitores não demonstram muito interesse em comentar posts antigos. No Blog do Noblat, a atitude fica mais visível quando nos deparamos com uma categoria virtual de olheiros – leitores que se dispõem a avisar quando há uma nova mensagem do jornalista, para que os demais atualizem seus navegadores e possam seguir comentando no espaço dedicado ao novo post. A atualização constante do blog envelhece notícias que têm curto tempo de exposição. Por outro lado, um bom recurso para estimular o debate é exatamente deixar “no ar” uma mensagem que se queira fazer render. A tendência, ao menos nas primeiras horas, é um maior número de comentários.

Além da atualidade, declarações de objetividade

e apartidarismo são marcas dos blogs de jornalistas – embora não de seus leitores, que se esgrimem em disputas acaloradas pelas suas “bandeiras”. Para caracterizar seus blogs como jornalismo opinativo e diferenciá-los de sites e blogs de opinião “não jornalísticos”, também encontramos referências à independência. É um princípio que os jornalistas ligados a grandes grupos, às vezes questionados pelos leitores, sentem-se na obrigação de defender, ao contrário dos que, já no nome, são independentes. Ricardo Noblat, por exemplo, publicou um post protestando veementemente sua independência no portal IG, com o título: “Colunista da Folha ataca este blog e informa errado”.¹²

Deste blog, podemos dizer que os textos que publica são, basicamente, informativos (grande parte deles remetem a notícias de outros veículos online, como *JB*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Estado de S. Paulo* etc.) e, mesmo quando opinativos, não expressam preferências político-partidárias, o que às vezes provoca reclamações por parte dos leitores, que gostariam de testemunhar, quiçá discutir, o posicionamento do autor.¹³ A atitude mais constante do jornalista é de não tomar parte nos debates e polêmicas suscitados em seu blog, geralmente lançadas e alimentadas pelos internautas. O debate, a priori, é livre, e obedece simplesmente a cinco regras estabelecidas por Noblat.¹⁴ Apenas eventualmente o jornalista responde a seus leitores ou publica comentários deles na área destinada aos posts. É, portanto, uma moderação virtual, que se faz presente apenas de maneira reativa, pois não censura previamente os leitores. O espaço aberto pelo jornalista se desdobra quase que em um chat entre os debatedores, em ritmo de “tempo real”. Assim, embora o jornalista mantenha uma posição diferenciada, este foi o blog mais comentado e participativo no período estudado.

Nos blogs de outros jornalistas, a discussão não costuma atingir esse nível de intensidade, posto que, na maioria, as mensagens são moderadas e passam por um crivo editorial antes de irem “ao ar”. O atraso entre a postagem e a publicação parece decepcionar muitos leitores e não é difícil encontrar mensagens que reclamem de uma possível censura. Alguns, entretanto, dizem se contentar com a moderação com vistas a um debate mais “civilizado”.¹⁵

Aqui, a objetividade jornalística, além de rito de autodefesa¹⁶ relacionado à busca do leitor pela credibilidade da fonte de informação, aponta também para uma tentativa de estimular o debate, deixando os leitores à vontade para discutirem o tema proposto. Ou seja, o jornalista é apenas o mediador; se ousasse opinar, talvez perdesse a participação dos leitores. E o nível de participação dos leitores é o único capaz de medir – ou ao menos de auscultar – a dita “opinião pública” nos blogs.¹⁷ A objetividade, então, garante aos comentadores a igualdade argumentativa diante da moderação. Nenhum dos lados

será beneficiado e, dessa feita, ambos terão iguais chances retóricas.

Outro grande incentivador estímulo para a participação dos leitores nos weblogs jornalísticos é o anonimato. A possibilidade de manter-se incógnito – escrevendo sob pseudônimo ou simplesmente não identificando-se – “contribui para uma relação mais paritária” entre os participantes da esfera pública virtual.¹⁸ Francisco Jamil Marques, contudo, aponta para a desconfiança gerada entre os debatedores anônimos, pois se o discurso escrito já corrompe expressões emocionais e entonações, o anonimato anularia também a identidade do emissor.

Alguns jornalistas, como o próprio Noblat e Jorge Bastos Moreno, acreditam que o anonimato dá aos comentadores um certo poder em relação aos jornalistas, geralmente obrigados a se identificar por razões profissionais.¹⁹ Em conversa com uma leitora que atendia pelo nome (ou pseudônimo) de Clara, Ricardo Noblat admite que tem “uma certa dificuldade em debater com quem esconde a própria identidade” porque este está desobrigado, “não responde por nada”.²⁰

Os grupos confrontam-se, mas as vozes mais independentes e racionais, não raro, se perdem em meio aos discursos apaixonados.

Essa visão traduz a impressão de que os leitores dos blogs são “agressivos”²¹ e irresponsáveis, mas ajuda a compreender a posição eventualmente desconfortável do jornalista. Os leitores dos blogs de Helena Chagas, Tereza Cruvinel e Ricardo Noblat, por exemplo, freqüentemente sugerem pautas lidas na revista *Carta Capital*, segundo eles relegadas por serem originárias de uma revista “pró-esquerda”. A disposição de influir na agenda do jornalista mostra que o leitor de blogs está propenso ao papel de agente: ele tem interesse não só em receber informações e participar da discussão proposta, mas quer propor novas discussões.

O blogueiro anônimo compartilha segredos, opiniões, pensamentos e sentimentos com estranhos que têm, com sua permissão, liberdade para trocar idéias tecendo comentários a seus posts em seu blog. Conforme Recuero (2003, p. 13), “os weblogs são democráticos mas, em troca, podem carecer de legitimação exatamente por travarem um fluxo horizontal de comunicação”.

É horizontal, em primeiro lugar, a comunicação entre os próprios leitores, que dialogam sempre uns

com os outros no campo dos comentários, ou seja, num mesmo lugar de fala, gozando do mesmo status. Ali, muitas vezes, o autor principal é discutido e criticado, sua posição política e nível profissional avaliados pelos comentadores. Também tende para a horizontalização o intercâmbio de papéis que verificamos entre autor e leitores, este processo de interlocução entre o blogueiro e internauta que ocorre nos momentos em que o jornalista reconhece leitores como co-autores, e os coloca no lugar de fala privilegiado de emissor principal; e também quando o jornalista assume o lugar de seus leitores, expressando-se nas áreas destinadas aos comentários. Vale lembrar que

a teoria do gatekeeper foi criada dentro de uma idéia de fluxo de informações vertical, trabalhando com uma grande mídia de massa que determina aquilo que a audiência vai receber. Nos weblogs, percebe-se um fluxo de comunicação prioritariamente horizontal, no qual, muitas vezes a informação é construída em diálogos com os leitores. (Recuero, 2003:15)

Os blogs se prestam também à tensão pessoal, uma vez que a exposição subjetiva da personalidade é parte do atrativo, para leitores como para autores.

É claro que existe um corte hierárquico, já que é o blogueiro quem determina a pauta, quem autoriza quem vai ou não postar comentários, quem destaca ou não as intervenções dos leitores, enfim, ainda cabe a ele dizer o que é ou não digno de ser colocado em debate. Identificamos um interlocutor primário (o blogueiro) e secundários (os leitores), e há níveis diferentes de interação de acordo com o blog, alguns mais verticais que outros. Afinal, a consagração de um comentador está em ser lembrado no post do titular do weblog. Mas é incontestável que, através do blog, qualquer leitor pode, imediatamente, expressar sua opinião para públicos amplos, qualificados pelo interesse, além de ter contato com a opinião destes outros cidadãos interessados como ele, com os quais pode dialogar. Ainda que essas trocas se dêem entre desconhecidos e, na maioria das vezes, entre pessoas que se mantêm anônimas, fato é que diferentes opiniões estão sendo disponibilizadas.

Nos blogs de opinião independentes, os blogueiros procuram fugir da objetividade e participam ati-

vamente do debate, inclusive na própria seção de comentários. Idelber Avelar e Alexandre Soares Silva aparecem freqüentemente em meio aos leitores de seus blogs. Essa posição horizontaliza mediador e debatedores, aproximando-os em direitos e deveres. A atuação nos “bastidores”, comentando seu próprio post, contribui para o interesse, fazendo com que o blog figure entre os “favoritos” dos leitores. Em se tratando de leitores que possuam outros blogs, essa estratégia culminará em uma espécie de comunidade em que os indicadores de uns estão sempre apontados para os outros, fechando o círculo dos chamados *blogrolls* – listas de referências e links remetendo a outros blogs. Assim se formam grupos específicos como o dos “olavetes”, blogueiros que se autoproclamam pró-direita e cultuam o articulista do *O Globo* Olavo de Carvalho, conhecido por suas idéias reacionárias. Essa circularidade nos contatos permite ao blogueiro que uma audiência cativa e facilita a identificação de interesses. Esse recurso, aliás, é o mesmo que utilizam os blogs do *GloboOnline*.²²

Um blogueiro que não “converse” com seus leitores, por sua vez, não interage e, portanto, não media, apenas noticia. Entre os jornalistas conhecidos, Ricardo Noblat e Tereza Cruvinel se apropriam bastante do expediente interativo. Ambos, embora não cotidianamente, costumam responder aos leitores em seus posts, mencionando o nome e, por vezes, aprovando sítios e blogs particulares que haviam sido recomendados. Noblat, inclusive, chegou a conceder espaço a pelo menos um de seus leitores – que assinava sob o pseudônimo de Soube?? – para que ele postasse suas próprias notas.²³ Nesse sentido, o reconhecimento positivo que o leitor ganha do colunista é uma espécie de menção honrosa, já que, entre tantos pontos de vista, o seu foi o pinçado com maior destaque. A vitória argumentativa é, em geral, comemorada com os demais debatedores e a divisão político-ideológica cede espaço à confraternização entre os iguais.

Por ser um espaço mais livre de interação discursiva, e trazer no nosso caso o tema conflituoso da política, os blogs se prestam também à tensão pessoal, uma vez que a exposição subjetiva da personalidade é parte do atrativo, para leitores como para autores. Em certos momentos do período estudado, com os blogs no auge da evidência, presenciamos inclusive disputas pessoais, críticas veladas e ironias entre os jornalistas-blogueiros mais populares. Ricardo Noblat tornou-se, neste sentido, um personagem em outros blogs, que o tomam como referência, reverenciando-o, séria ou ironicamente, como uma espécie de bandeirante da categoria “blog jornalístico” no Brasil.

Em 14 de novembro, depois de escrever que entrara nos blogs de leitores da coluna, Cruvinel escreve: “Blogs são uma boa febre, permitem a todos se expressarem. Eu só acho que um blogueiro não-

jornalista não deve querer fazer jornalismo, mas apenas opinião”. Para os blogueiros, no entanto, esta distinção da autoridade jornalística não está tão clara, como mostram as reações de alguns comentários que acompanharam este post. “...quer dizer exatamente o que?

Afinal, o que difere opinião de jornalismo? Só jornalista (formado em jornalismo) pode fazer jornalismo? Se é assim, porque não quiseram o conselho próprio, que regulamentaria a profissão?”, escreveu Marcelo Martins da Rosa. No post de outro leitor/blogueiro, Fernando Catelli, é ainda mais clara a exigência de tratamento equivalente das opiniões políticas em debate na blogosfera.

Surpreendi-me com sua opinião (...) Para mim, o que os jornalistas fazem é, em geral, opinar. Podem fazer uma análise, mas ao escrever estão opinando. O que usualmente não fazem é ter pensamento, no sentido filosófico. Estou aqui também a opinar ... similarmente ao que leio nas diferentes colunas de jornalistas ou em blogs. Opinar não é depreciativo, porém difere de pensamento. Já escrevi em mais de uma oportunidade sobre este assunto, mas infelizmente, sem os comentários que esperava, nem de jornalistas nem de blogueiros.

Em um lugar onde os receptores são, indistintamente, potenciais emissores, a festa da democracia é também a festa da retórica.

Fica clara, aqui, a demanda do direito de ser lido e participar como emissor de opinião na discussão, demanda que no entanto se frustra dada a baixa repercussão dos blogs de escritores desconhecidos.

Os jornalistas são cobrados pelos leitores mais ativos, e criticados às vezes por se colocarem nesta posição de emissores privilegiados, porta-vozes mesmo da opinião pública. No blog do Moreno, um leitor escreveu: “E aí Moreno? Porque não organiza uma passeata pelo impeachment? Você, o Arnaldo Jabor, o Clovis Rossi da Folha e o Jô Soares. O que vcs escrevem como opinião pública é a opinião de vocês, publicada. Porque o povo tá apenas querendo trabalhar em paz”.

Conclusão

O debate gerado no foro de comentários de um weblog está mais voltado para a “formação complementar de opiniões” do que para o debate decisório

que ocupa foros políticos institucionais, como o parlamento – seria um espaço de conversação civil (Marques, 2005). Nele, os leitores estão preocupados em opinar, isto é, emitir, muito mais do que em deliberar. Isso nos permite compreender, por exemplo, o fato de muitos leitores tenderem à polarização político-ideológica, estrutura que incentiva a estereotipagem dos leitores em grupos (PTelhos e tucaninhas). Os grupos confrontam-se, mas as vozes mais independentes e racionais, não raro, se perdem em meio aos discursos apaixonados. Muitos leitores torcem tão enfaticamente por seus políticos ou partidos que tendem a interpretar todos os discursos em um mesmo registro, enquadrando como partidárias mesmo as declarações de objetividade jornalística.

No fórum dos blogs jornalísticos, a tribuna está aberta a todos, mas apenas os mais “desenvoltos” polemizam. Em um lugar onde os receptores são, indistintamente, potenciais emissores, a festa da democracia é também a festa da retórica. E os comentaristas – os agentes civis e (ciber)ativistas da blogosfera – dão voz e opinião a uma esfera pública virtual. A divisão em times opostos, a polarização político-partidária traz a velha marca do antagonismo político, bem como a necessidade de atalhos cognitivos que separem “os nossos” dos outros, vistos como adversários. O que se nota nas seções de comentários dos blogs de política, de certa forma, é a volta do partido como atalho eficiente, de certa forma mais claro que as explicações objetivas dos jornalistas. Na hora de comentarem e se posicionarem, é mais comum os leitores usarem o caminho da declaração e desqualificação por posicionamento, do que argumentarem dialeticamente a partir dos posts e comentários lidos.

A adesão dos jornalistas a este modelo, associado ao que percebem ser seu papel social, consegue organizar o interesse potencial de um grande número de leitores, escritores e comentaristas dispostos a dialogar sobre a política. Uma modalidade de conversação que, se não é civil no sentido de perscrutar as soluções mais racionais para os interesses públicos, é certamente lugar de posicionamento, paixão política e expressão da opinião pública. ■FAMECOS

NOTAS

1. Para uma boa revisão das teses otimistas e pessimistas sobre a internet como nova esfera pública, ver Marques, 2004.
2. Sobre a categorização das atitudes políticas e situações de comunicação dos cidadãos comuns, ver Aldé, 2004.
3. Esta pesquisa se iniciou a partir do mapeamento de mais de 120 blogs de política, opinião e assuntos relacionados à blogosfera. Selecionamos 12 para análise diária entre outubro de 2005 e junho

- de 2006. O acompanhamento foi manual entre outubro de 2005 e janeiro de 2006, período em que todos os sites foram acessados dia após dia. Nos seis meses seguintes, essa rotina pôde ser automatizada por feeds de RSS. Todos as citações de interesse particular foram registradas em uma espécie de diário de campo, e mais tarde condensadas em relatórios trimestrais.
4. Para o conceito de blogosfera, ver a revisão de Barbosa e Silva.
 5. Umberto Eco trabalhou nos anos 70 com a idéia de que os talk-shows eram “espaços de uma conversa civil, espirituosa, que conseguia manter os espectadores vidrados na telinha até tarde da noite [...] pouco a pouco, tornou-se local de enfrentamentos violentos, às vezes até físicos, escola de uma linguagem sem meios-termos” (Eco, 2002, 63-64). Marques (2005) recupera o conceito como definidor da nova esfera pública virtual, em que os debates fomentados pela tecnologia serviriam à formação complementar de opiniões.
 6. Nos EUA, além dos exemplos eleitorais, os blogs foram uma importante fonte de informação no dia 11 de setembro de 2001, postando sobre os atentados às torres gêmeas do World Trade Center, quando sites de grandes veículos e portais da internet ficaram congestionados (Schittine, 2004, p. 158). Os blogs também foram muito usados durante o início da Guerra do Iraque, em 2003, quando ficaram conhecidos como Warblogs e eram mantidos tanto por veículos oficiais quanto por pessoas sem formação jornalística (Recuero, 2003).
 7. No dia 6 de junho de 2004, Noblat publicou o seguinte post em seu blog: “Meus caros: como é possível que vocês lesem na edição eletrônica de O Dia, e não na edição impressa, a coluna que há pouco mais de dois meses eu vinha publicando sempre aos domingos, quero avisá-los de que ela deixou de existir. [...] Este blog nasceu a partir da coluna. Ao correr atrás de notícias para fazê-la, vi que muitas perderiam a atualidade se ficassem para sair no domingo. Então tive a idéia do blog. Sem a coluna será difícil mantê-lo. Era a coluna que me remunerava. Tenho de procurar emprego. E não está fácil. Agradeço a compreensão de todos. Peço desculpas por eventuais erros que cometi aqui. Ou comentários injustos. Espero reencontrá-los. Noblat”
 8. Na transcrição de trechos de blogs, preservaremos a digitação e pontuação adotada na publicação.
 9. Em e-mail para os autores.
 10. Existem várias experiências de jornalismo participativo, em que leitores podem propor e desenvolver pautas, de acordo com a avaliação de outros leitores.
 11. Cf. NOCI, 2004.
 12. O texto da nota na coluna, de Nelson de Sá, bem como a resposta de Noblat, são ilustrativos de vários pontos tratados neste artigo, além da reivindicação de independência, como a mediação entre diferentes formatos e veículos, ao universo compartilhado da categoria jornalística, em que os autores se conhecem e referenciam. Valem a reprodução integral. “Ricardo Noblat nunca mais foi o mesmo depois que o blog deixou de ser independente e fechou com o iG, então com Daniel Dantas. Agora é Tiago Dória, um dos melhores blogueiros de mídia entre os independentes, que anuncia o convite para o mesmo portal. Começa hoje”. Noblat a republica no blog, respondendo o seguinte: “Desconfio que Nelson publicou uma nota que não escreveu, que sequer leu. Porque ele é um jornalista decente e muito bem informado. E foi o primeiro da mídia impressa a citar este blog. Guardo todas as colunas de Nelson com referências ao blog. Foram muitas até hoje. E em nenhuma, ele fez reparos à linha independente do blog. [...] Desde sua primeira edição que este blog está hospedado no IG. O banqueiro Daniel Dantas deixou de ser o principal controlador do IG há algum tempo. Este blog está de mudança do IG para o portal do jornal O Estado de S. Paulo - mas ainda está no IG. E aqui sempre foi independente. Continuará a ser no portal do Estadão. Creio que Nelson desconhece o fato de este blog ter sido convidado há dois meses para se transferir para o portal do UOL, empresa do Grupo Folha de S. Paulo. E que só não foi para lá porque na véspera de eu fechar com o UOL recebi proposta mais atraente do portal do Estadão. Pelo jeito, o UOL tinha este blog em alta conta. De resto, como Nelson sempre pareceu ter. Espero que o ombudsman da Folha, o jornalista Marcelo Beraba, reflita sobre esse episódio na sua crítica diária ao jornal”.
 13. No dia 28 de maio de 2005, Noblat publicou na área destinada aos posts (ou seja, em destaque) o seguinte comentário de um de seus leitores: “É muito complicado esse tipo de conduta...” Do leitor que se assina Quatrocentão em mensagem postada mais embaixo: “Tenho visto sempre essas confusões aqui no blogue sobre sua filiação ou simpatia partidária. Penso que a razão

- disto é a sua pretenciosa decisão em ser apartidário. Quem acompanha esse blogue fica parecendo que você é do tipo se hay gobierno, soy contra. É muito complicado esse tipo de conduta, que critica no varejo, sem considerar a variedade e a complexidade das forças políticas que sempre trabalham no atacado, ou para além do momento jornalístico." Disponível em <http://noblal1.estadao.com.br/noblal/visualizarConteudo.do?metodo=exibirPosts&data=28/05/2005>
14. As regras proíbem os usuários de postar mensagens que configurem crime de calúnia, injúria ou difamação; que façam uso de palavrões ou termos ofensivos; que respeitem o limite de mil caracteres, em uma única mensagem ou em mensagens subseqüentes; ou que repitam o conteúdo da mensagem imediatamente anterior.
 15. O leitor Emanuel, de Porto Alegre, diz que prefere "mil vezes que meu texto seja lido e avaliado antes de ser publicado do que ser expulso como se nunca tivesse existido", porque a moderação necessariamente torna as "regras [...] claras desde o início, jogo limpo" [In: SOUZA, 2005: acesso em 14/11/05].
 16. V. TUCHMAN, 1993.
 17. As estatísticas de visitas e hit clicks não dão conta do universo de interesse e da repercussão gerada em torno do tema proposto. Os comentários serão fundamentais para dar conta dos leitores ativos, dispostos a expor sua opinião e submeter-se ao diálogo.
 18. A este respeito v. MAIA, 2002; MARQUES, 2005; e REPORTERS WITHOUT BORDERS, 2005.
 19. Entre os jornalistas que se mantém anônimos figuram os (re)conhecidos Shalam Pax – blogueiro iraquiano que relatou para o jornal inglês *The Guardian* o cotidiano da II Guerra do Golfo –, e Nemo Nox – o primeiro brasileiro a blogar em português, jornalista, detentor de uma série de prêmios por seu atual blog *Por um punhado de pixels*. Nesses casos, o anonimato pode vir por uma imposição do cenário político (a censura ou perseguição) ou apenas por distanciamento de uma realidade, seja ela profissional ou pessoal. Em ambos os casos, o anonimato confere liberdade também ao jornalista/moderador.
 20. V. NOBLAT, 2005: acesso em 14/10/2005.
 21. O termo foi usado por Jorge Bastos Moreno ao entrevistar o prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, então titular de um blog.
 22. O blog de Helena Chagas aponta para os de Cruvinel e Franco; Ilimar Franco indica Chagas; Moreno, Cruvinel e Franco; e assim por diante, conservando-se sempre o setor de atuação do jornalista: colunistas de política apontam para colunistas de política, os do caderno cultural para seus correligionários etc.
 23. Na ocasião, a repercussão entre os demais leitores foi avaliada como bastante positiva, posto que Soube?? representou para todos a ascensão à posição de emissor principal do meio, sendo exaltado mesmo entre alguns que discordavam de suas pílulas.

REFERÊNCIAS

- ALDÉ, Alessandra; CHAGAS, Viktor. "Blog de política e identidade jornalística (transformações na autoridade cognitiva e na relação entre jornal e leitor)". *Pauta geral*, Salvador, v. ano 12, n. No 7, 2005.
- BARBOSA E SILVA, Jan Alyne. *Mãos na mídia: weblogs, apropriação social e liberação do pólo da emissão*. Dissertação apresentada ao Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Facom/UFBA, 2003. Orientador: André Lemos.
- DEUZE, Mark. *The internet and its journalism*. Amsterdã (Holanda): (Cortesia do autor), 2002. 11 pp.
- GERALDES, Elen Cristina. "A vocação política dos blogs de notícias: possibilidade de reconstituição da esfera pública". *V Intercom*, NP02 (Jornalismo), 2005. Rio de Janeiro: UERJ.
- GOMES, Wilson. "Esfera pública na Internet: uma abordagem ética das questões relativas a censura e liberdade de expressão na comunicação em rede". *Compós*. GT de Comunicação e Política. Brasília: UnB, 2001.
- . "Opinião pública política hoje - uma investigação preliminar". In: *Práticas midiáticas e espaço público*. Vol. 1. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2001.
- GUIDI, Leda. "Democracia eletrônica em Bolonha: a rede Iberbole e a construção de uma comunidade participativa on-line". In:

- EISENBERG e CEPIK. *Internet e política: teoria e prática da democracia eletrônica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da interface*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- LEMOS, André. *Ciber-cultura-remix*. Texto apresentado no seminário "Sentidos e Processos" dentro da mostra "Cinético Digital", Mesa "Redes: criação e reconfiguração", São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>. Acesso em 18/07/06.
- MACHADO, Elias. *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Salvador: Calandra, 2003.
- MAIA, Rousiley C. M. "Redes cívicas e internet: do ambiente informativo denso às condições da deliberação pública". In: EISENBERG e CEPIK. *Internet e política: teoria e prática da democracia eletrônica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- MARQUES, Francisco Jamil. "Debates políticos na Internet: a perspectiva da conversação civil". XIV *Compós*. GT de Comunicação e Política. Rio de Janeiro: UFF, 2005.
- PALÁCIOS, Marcos. "Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória". In: MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos. *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Calandra, 2005.
- PR, Digital; GAIA, Hill & Knowlton. "I blog: rivoluzione o moda?" 2005.
- RECUERO, Raquel da C. "Warblogs: os blogs, a guerra no Iraque e o Jornalismo Online". Trabalho apresentado no Núcleo de Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte / MG, setembro de 2003.
- REPORTERS WITHOUT BORDERS (Org.). *Handbook for bloggers and cyber-dissidents*. Paris: Reporters Without Borders, 2005.
- SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- SCHUDSON, Michael. *Discovering the News: a social history of American newspapers*. Estados Unidos: Basic Books, 1978.
- SOLER, Jordi. "La información instantánea". Brasil, *E-agora*, 29 de agosto de 2005. Seção Clipping de notícias. Disponível em: <http://www.e-agora.org.br/conteudo.php?cont=clipping&id=2430_0_29_0_M>. Acesso em 20/09/2005.
- SILVA, Luis Martins da. "Imprensa, discurso e interatividade". In: PORTO, Sérgio Dayrell e MOUILLAUD, Maurice. *O jornal: da forma ao sentido*. 2ª ed. Brasília: UnB, 2002.
- THOMPSON, John B. *O Escândalo Político. Poder e visibilidade na era da mídia*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- TUCHMAN, Gaye. "A objectividade como ritual: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas". In: TRAQUINAS, Nelson. Lisboa: 1993.